



36° SEMINÁRIO ESTADUAL DE

Prenadas

17.FEV.24 | Sábado

CTG MISSIONEIRO DOS PAMPAS | 20ª RT

Rua Campos Salles 444 | Bairro Érico Veríssimo

TRÊS PASSOS/RS

“Feitos e Feitios: O Legado das Mulheres no Rio Grande do Sul”



Nas terras do Rio Grande do Sul, onde o vento traz consigo as histórias entrelaçadas de culturas diversas, as mulheres desempenham um papel fundamental na construção e preservação do legado gaúcho. Neste contexto, as 30ª Regiões Tradicionalistas emergem como guardiãs dedicadas a preservação das tradições e valores que moldaram a identidade do estado.

Ao abraçar a cultura rica e diversificada, as mulheres gaúchas transcendem estereótipos, destacando-se não apenas como zeladoras das tradições, mas como agentes ativas na formação da sociedade. Neste cenário, as Prendas do Rio Grande do Sul assumem um papel de representatividade, mas muito mais que isso, a responsabilidade em resgatar e dar voz as mulheres gaúchas.

Este texto de agradecimento é uma homenagem às mulheres que, por meio de seus feitos e feitios, escrevem capítulos inestimáveis na história do Rio Grande do Sul. Suas contribuições na preservação das tradições, na promoção da cultura e na construção de comunidades fortes merecem todo nosso reconhecimento e celebração. Que o legado das mulheres gaúchas continue a inspirar as gerações presentes e futuras, mantendo viva a chama da tradição em cada rincão do nosso amado Rio Grande.

Com carinho, Prendas do Rio Grande do Sul 2023/2024!



1ª Região Tradicionalista

Na 1ª Região Tradicionalista, composta por 11 municípios sendo eles, Alvorada, Barra do Ribeiro, Cachoeirinha, Eldorado do Sul, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Mariana Pimentel, Porto Alegre, Sertão Santana e Viamão, destaca-se a colonização açoriana, etnia oriunda das nove ilhas açores, que se instalaram em 1752 no então Porto dos Dorneles, hoje Porto Alegre, podemos observar também diversas outras contribuições étnicas além da açoriana. Os açorianos trouxeram consigo uma grande contribuição para a sociedade: o "novo" conceito de família. Até a chegada dos açorianos, o gaúcho, de forma geral, não tinha na família a base nuclear da sociedade, visto que a migração para o Rio Grande do Sul foi a fim de uma povoação, elas tinham muitos filhos, baseado nisso temos um ofício muito tradicional, de extrema importância que são as parteiras, comadres, mãe de umbigo.

Ainda ao lembrar das mulheres luso-açorianas, elas desempenhavam suas funções cuidando da casa, costurando, bordando, cozinhando, criando e cuidando dos filhos, contribuindo para a renda da família, orientando e formando outras mulheres. Os trabalhos de agulha (costura e bordados) ocupavam as mulheres em trabalhos domiciliares, fazendo assim atividades que ajudavam na economia da família, tornando-se uma marca registrada dessas mulheres, já que tinham mãos habilidosas. Destacam-se os "bordados dos Açores", as "rendas dos Açores", a "tecelagem dos Açores", entre outros artesanatos. Além disso, elas ainda tinham tempo para ter um olhar aguçado para suas vestes, já que muitas vezes trabalhavam confeccionando peças e por seu traje ser riquíssimo em detalhes, sempre bem vestidas, lenços aventais, etc.

Algumas décadas depois, a influência dessas mulheres refletiu em outros trajes muito importantes para o nosso Estado, em 1949 foi realizada a primeira reunião do grupo de Prendas do "35" CTG em que foi eleita a Senhora Lory Meirelles Kerpen como Posteira do Grupo de Prendas, e após algum tempo surgiram os primeiros trajes desse grupo e também do nosso Movimento Tradicionalista Gaúcho.

2ª Região Tradicionalista

Na 2ª Região Tradicionalista, composta por Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Vale Verde, a formação das mulheres desempenhou um papel significativo na construção e preservação das tradições gaúchas. Desde os primeiros colonizadores até os dias atuais, as mulheres dessa região contribuíram ativamente para a cultura local. Participando de eventos tradicionalistas, encontros culturais e iniciativas comunitárias, elas se destacam como guardiãs e transmissoras dos valores e costumes que caracterizam a identidade gaúcha nessa parte do Rio Grande do Sul.

Dentre as personalidades marcantes na comunidade da 2ª Região Tradicionalista, está a senhora Mari Eclair Pedroso de São Jerônimo, ainda bem jovem, foi estudar em Gravataí, em um colégio de freiras, inclusive onde teve seu primeiro contato com as aulas de canto. Sua graduação foi em Música, trabalhou também como Coordenadora Pedagógica e também foi Coordenadora na ULBRA – São Jerônimo. Dedicou sua vida às atividades socioculturais, participava ativamente dos blocos de carnavais, envolvida com o Lions Clube. Apaixonada pela cultura nativista gaúcha, viajava pelo estado para participar de shows e festivais de música, como “Tertúlia Musical Nativista”, “Califórnia da Canção Nativa” e “Escaramuça da Canção Gaudéria”.

Era referência na região quando se tratava de “aulas de música e canto”. Fundou assim a escola de música “Tarimba” em São Jerônimo e municípios vizinhos. Faleceu em 2022, após anos de luta contra o Alzheimer. Seu legado foi de arte, amor, força e muita coragem. Nossa região orgulha-se muito da valorosa mulher, filha desta terra, que tantos foram seus feitos, lembrados até hoje por sua família, seus amigos e seus conterrâneos de quem tanto se orgulhava...Eclair Pedroso, uma personalidade através do tempo! Na 2ª Região Tradicionalista, a participação ativa e engajada das mulheres na preservação das tradições gaúchas é evidente. Ao longo do tempo, essas mulheres têm desempenhado um papel fundamental na construção e promoção da identidade cultural regional.

3ª Região Tradicionalista

Bem-vindos a uma jornada através da história da 3ª Região Tradicionalista. A 3ª Região Tradicionalista, fazia parte da 12ª zona. A 12ª Zona contou como primeiro coordenador, o senhor Maximiliano Bogo. Atualmente a região engloba 41 municípios e tem 71 entidades filiadas ao MTG, que se localizam na fronteira do Brasil com a Argentina e na região das Missões. Sediou 7 Congressos Tradicionalistas, 03 Convenções Tradicionalistas, 1 edição da FECARS, a 36ª Ciranda Cultural de Prendas e 3 edições do Entrevero Cultural de Peões, além de tantos outros eventos. E no ano de 2024, na cidade de Entre-ijuís, sediará o Entrevero Cultural de Peões.

A 3ª RT tem uma linda história ligada a mulheres que fizeram e fazem parte da região Missioneira que ao ser repovoada por volta de 1830, foi dividida em 06 marias dadas a paulistas, as Missões tiveram a mulher como personagem principal, vindas para uma imensidão de território, solo esperando mãos decididas para fazê-lo vingar. Homens e mulheres com sonhos de progresso, de alegria, de aventura, vindos da Itália ou da Alemanha, trazendo no peito a dor e a saudade de familiares deixados para trás e sentindo na pele o sofrimento enfrentado na viagem. Era o Brasil dos sonhos, das esperanças de vida melhor.

As mulheres indígenas estão presentes na documentação histórica deixada pelos próprios jesuítas. Além das publicações de livros e catecismos de proeminentes missionários em boa parte dos documentos históricos. Baseados em fontes primárias sobre Missões, costumam focar em temas relativos às guerras, comércio, invasões bandeirantes e lideranças masculinas (jesuítas, guerreiros, caciques, xamãs e cabildantes) - o resultado, entre outros, é a revelação de personagens majoritariamente masculinos, como Nicolau Ñangueru, Ñezu e Sepé Tiaraju, além de textos que sequer possuem a palavra mulher ou, quando possuem, o fazem por meio de representações depreciativas em posições meramente coadjuvantes. (Cecilia Pérez WINTER, 2014).

4ª Região Tradicionalista

A 4ª RT é uma combinação ímpar de belezas naturais, história e cultura. Formada pelos municípios de Alegrete, Barra do Quaraí, Quaraí e Uruguaiana. Tem como lema: Na região das três divisas cultivamos a tradição, o civismo e a honra. Quando se retrata a mulher da fronteira, não tem como não traçar o perfil de mulheres que desafiaram as limitações de tempo, educação e renda, que conseguiram ultrapassar o destino que lhes foi traçado, muitas delas tornando-se inspiração e referência em suas áreas; com mulheres que tiveram coragem de sonhar e lutar por um mundo melhor para as novas gerações, referência na construção da mulher gaúcha. Uma mulher que hoje representa todas essas mulheres é a Presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

A senhora Ilva Maria Borba Goulart, nasceu em 1954 em Alegrete. Formada em História. Foi diretora municipal de Cultura de Alegrete, presidente da União dos Servidores Municipais de Alegrete; Foi 1ª Prenda do CTG Quero-1979-1980; 1ª Prenda da 4ª Região Tradicionalista. Ilva, que ocupava o cargo de vice-presidente de Administração e Finanças da entidade, assumiu automaticamente a função deixada por Savaris, conforme determina o Estatuto do MTG. Durante 13 gestões, ela foi coordenadora da 4ª Região Tradicionalista e também fez parte do Conselho Diretor. Ao longo da trajetória sua dedicação foi reconhecida ao receber a “Medalha do Mérito Tradicionalista Barbosa Lessa”, em 2016, mesmo ano em que recebeu o “Troféu Germinar 2016” e o “Diploma Mulher Cidadã” (2019), pela Câmara Municipal do Alegrete.

Em parceria com Sonia Abreu, Lilian Argentina Braga Marques e Maria Izabel Trindade de Moura, foi coautora do livro de Indumentária Gaúcha do MTG. Experiente palestrante, Ilva desempenhou importante papel no cenário cultural do Rio Grande do Sul. Foi fundadora e patroa do Grupo Nativista Ibirapuitã, além de posteira cultural do CTG Aconchego dos Caranchos. Presidente da Escola de Samba Unidos dos Canudos de Alegrete, que é a maior da cidade. A única que tem sede própria. Com esse exemplo, a Presidente do MTG, Dona Ilva, honra sua trajetória, sendo referência para as novas gerações, como tradicionalista e mulher gaúcha.

5ª Região Tradicionalista

A 5ª Região Tradicionalista teve uma forte influência da colonização alemã, que contribuíram na formação dos usos e costumes gaúchos. Na culinária, são da cultura as cucas, defumados, chucrute, salsicha, cerveja, salada de batatas, geleias, chimias, pães caseiros, além do hábito do café colonial, tão apreciado pelo povo gaúcho. Nas músicas, jogos e na arquitetura das casas. Assim, as mulheres sempre estiveram muito presentes na consolidação das atividades desenvolvidas tanto nas práticas agrícolas, quanto na formação das primeiras indústrias, onde as mulheres lavram a terra juntamente com seus maridos e pais, dominam o manuseio do arado, a lida com o gado, plantavam, colhiam, além dos serviços domésticos, em que costuravam, fabricavam pão, a manteiga, a cerveja, os charutos, os tecidos.

A capacidade destas mulheres de dominar a força de trabalho, tanto quanto a excelência em gerenciar negócios, empreender em setores que contribuíram para o progresso econômico de suas famílias e dos municípios em que estão inseridas, trazendo muitas vezes uma tripla jornada de trabalho: a casa, a roça e a indústria. Um grande exemplo feminino foi Olmira Leal de Oliveira (Cabo Toco) nasceu em Caçapava do Sul, em 18 de junho de 1902, foi a primeira mulher gaúcha a ostentar a farda da Brigada Militar. Recrutada aos 21 anos de idade, para servir como enfermeira voluntária, tornou-se combatente no ataque armado às suas tropas no Passo das Pitangueiras.

Em 1987, na Vigília do Canto Gaúcho, a música composta por Nilo Brum e Heleno Gimenez conquistou o primeiro lugar onde Cabo Toco, com 85 anos de idade, passou a protagonizar modos de narrativas ilustrando páginas de jornais em diversas cidades do estado. Regina Simonis, nascida no distrito de Boa Vista, interior de Santa Cruz em 1900, dedicou sua vida à carreira de artista e de floricultura numa cidade e época em que tais profissões não eram habituais. Aos 29 anos, decidiu ingressar no Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre, para estudar desenho e pintura. Tornou-se a primeira mulher artista de Santa Cruz do Sul a receber o diploma de Pintura em 1933. Em 1995 a artista foi oficialmente reconhecida quando o prédio do antigo banco Pelotense recebeu a denominação de “Casa das Artes Regina Simonis”, atualmente é um dos espaços culturais de maior relevância na cidade.

6ª Região Tradicionalista

O legado das mulheres colonizadoras das cidades de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí, é profundamente marcado por feitos e feitos que moldaram a trajetória dessas comunidades ao longo da história. As mulheres, desta faixa litorânea e fronteiriça, desempenharam papéis cruciais na consolidação dessas localidades, enfrentando adversidades e desafios ao se estabelecerem em um ambiente muitas vezes hostil. Além de gerir as atividades domésticas e agrícolas, as colonizadoras enfrentaram os desafios climáticos e naturais da região, demonstrando resiliência e habilidades adaptativas notáveis.

Em Rio Grande e São José do Norte - cidades historicamente ligadas ao desenvolvimento portuário - desempenharam papéis diversos ao longo do tempo. O perfil feminino dessas cidades, personifica a força e a herança cultural de suas origens portuguesas. Essa mulher litorânea trouxe consigo tradições que se entrelaçaram com as características únicas do ambiente costeiro de Rio Grande e lagunar de São José do Norte. Nos períodos coloniais, suas mãos habilidosas moldaram a identidade da cidade, contribuindo para a economia pesqueira e para a preservação de práticas culturais que ecoam até os dias atuais. São testemunhas do tempo, guardiãs da cultura, língua e tradição que fluíram das terras portuguesas até as praias do sul do Brasil, seu legado ressoa nas danças folclóricas, nas histórias e na culinária temperada pelo mar.

Em Santa Vitória do Palmar e Chuí, a mulher litorânea se mescla com a fronteiriça, defensora de seu território. Numa verdadeira mistura étnica, os feitos dessa história transitam em diversos povos que formam sua origem: do árabe ao castelhano, do português ao espanhol. Seja na preservação de costumes locais ou na participação ativa nas atividades agropecuárias, essas mulheres foram fundamentais para a sustentabilidade e prosperidade das comunidades. O legado das mulheres desta região também se destaca na preservação de práticas culturais, idiomas e costumes, criando uma teia intergeracional que conecta o passado ao presente. Entre as linhas que contam essa história, as mulheres se conectam através das águas que banham o litoral e da mescla de tipos humanos entre o mar e o campo, sendo elas, grandes guardiãs desse tesouro natural.

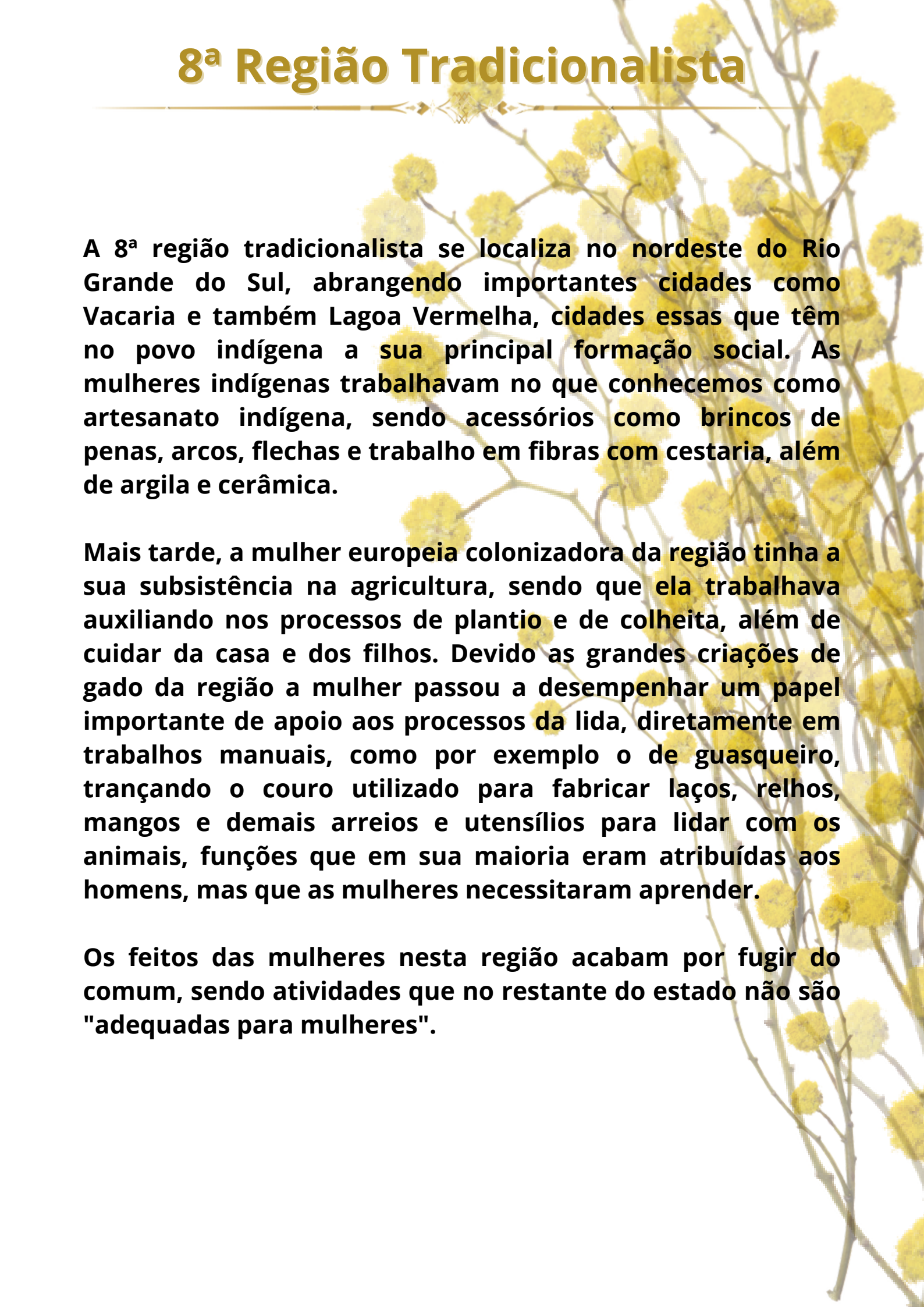
7ª Região Tradicionalista

A 7ª RT, localizada ao norte do estado, foi criada quando da formação das subdivisões regionais pelo MTG quando ainda se chamavam Zonas Tradicionalistas. Esta recebeu a designação de Sétima Zona, não tendo sido desmembrada de nenhuma outra. Nesta época, meados do século XX, a grande maioria das mulheres trabalhava na agropecuária, ajudando a família nos trabalhos do campo e da lavoura. Na metade do século XX, a região passava por um intenso processo de êxodo rural, muitas moças saíram da vida rural e foram para as cidades, algumas trabalhavam em casas de família, outras buscaram os cursos ginasiais, que se preocupavam com a formação de professores para atender à expansão do ensino. Podemos citar, como parte deste processo, Neusa Marli Bonna Scchi, professora e folclorista, nascida em Passo Fundo.

Entre as profissões estão: professora, dentista, engenheiras agrônomas... As mais diversas profissões. As etnias, na sua maioria europeias, destacam-se na região grupos de imigrantes alemães, italianos, holandeses, poloneses e indígena. Muitas mulheres da região ainda são muito ligadas ao artesanato (das mais diversas formas) tendo como destaque a Sra. Adriane Rebechi, que já foi 1ª Prenda do Rio Grande - Gestão 2010/2011, integrante da Feira de Empreendedorismo Criativo - Marias Empodera, aonde realizam bazares e feiras totalmente ligados ao artesanato da região (PF). Ainda também se destacam as bombacheiras (mulheres que fabricam bombachas), aonde temos como destaque a Sra. Vanderléa Belegante Nervo, atual Conselheira do MTG.

Antigamente a região era muito destaque em relação as parteiras e benzedeiras e que há muitas mulheres atualmente que ao contarem sobre antigamente as destacam contando sobre os feitos muitas vezes em suas famílias. No âmbito social era uma vestimenta muita simples, repassada de geração para geração.

8ª Região Tradicionalista



A 8ª região tradicionalista se localiza no nordeste do Rio Grande do Sul, abrangendo importantes cidades como Vacaria e também Lagoa Vermelha, cidades essas que têm no povo indígena a sua principal formação social. As mulheres indígenas trabalhavam no que conhecemos como artesanato indígena, sendo acessórios como brincos de penas, arcos, flechas e trabalho em fibras com cestaria, além de argila e cerâmica.

Mais tarde, a mulher europeia colonizadora da região tinha a sua subsistência na agricultura, sendo que ela trabalhava auxiliando nos processos de plantio e de colheita, além de cuidar da casa e dos filhos. Devido as grandes criações de gado da região a mulher passou a desempenhar um papel importante de apoio aos processos da lida, diretamente em trabalhos manuais, como por exemplo o de guasqueiro, trançando o couro utilizado para fabricar laços, relhos, mangos e demais arreios e utensílios para lidar com os animais, funções que em sua maioria eram atribuídas aos homens, mas que as mulheres necessitaram aprender.

Os feitos das mulheres nesta região acabam por fugir do comum, sendo atividades que no restante do estado não são "adequadas para mulheres".

9ª Região Tradicionalista

A 9ª Região Tradicionalista foi criada a partir da união da 9ª zona e a 10ª zona. Ela tem 22 municípios e em torno de 65 entidade ativas no Movimento. Pela segunda vez a coordenadoria é dirigida por uma mulher. A primeira foi Carla de Moura Farias, esteve como coordenadora nos anos de 2010 a 2012. A segunda mulher coordenadora da 9ª RT é Ana Cláudia da Silva, com apenas 27 anos, já foi patroa de entidade, Diretora Cultural, Diretora do Departamento Jovem, Prenda, Diretora Artística, e hoje, Coordenadora da 9ª RT.

Em sua formação nos 22 municípios que a contemplam, encontramos a cidade de Panambi, que teve sua povoação, de origem portuguesa, com início a partir de 1820 e a colonização, de origem alemã, iniciou com a fundação da Colônia chamada 'Neu-Württemberg'. Ainda, possui um projeto chamado "Mulheres que Inspiram", afim de reconhecer e homenagear mulheres da comunidade. A cidade de Ajuricaba, recebeu imigrantes alemães e italianos provenientes das "colônias velhas" do Rio Grande do Sul, como Bento Gonçalves e São Leopoldo.

A formação de Ijuí, significa, na língua guarany, 'rio das águas divinas'. Recebeu imigrantes de várias nacionalidades, coordenada inicialmente pelo diretor Augusto Pestana. Ijuí teve grande impulso ao seu desenvolvimento quando, a partir de 1899, foi incentivado o assentamento de colonos com conhecimento de agricultura, principalmente de colônias mais antigas do Rio Grande do Sul. Conhecida por reunir variados grupos étnicos, entre afrobrasileiros, índios, portugueses, franceses e italianos. A cidade detém um rico patrimônio cultural, histórico, turístico e natural, sendo considerada "terra das culturas diversificadas".

A Lendária 9ª RT também é conhecida por ser a região da Tia Elenir. Elenir Winck Foi esposa do Coordenador Ciro Winck, Diretora Cultural, Diretora Artística e Vice-Presidente do MTG. Uma mulher que inspira e sempre inspirou, não apenas prendas da 9ªRT, mas de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Outra mulher que fez história foi Sônia Suzana de Campos Abreu, folclorista, tradicionalista, Conselheira Onorária do MTG (2002), recebeu diversas medalhas e escreveu o livro "Indumentária Gaúcha", publicado pelo MTG em 2003.

10ª Região Tradicionalista

A 10ª Região Tradicionalista, consolidada durante a Convenção Tradicionalista de 1976 em São Francisco de Paula, abrange os municípios de Cacequi, Capão do Cipó, Itacurubi, Jaguarí, Manoel Viana, Mata, Nova Esperança do Sul, Santiago, São Francisco de Assis, São Vicente do Sul, Toropi e Unistalda. Nesta região, a contribuição das mulheres para a formação do povo gaúcho foi multifacetada, destacando-se em atividades agrícolas, na gestão do gado e no comércio local. Com coragem e pioneirismo, as mulheres gaúchas não apenas desempenharam papéis cruciais na construção de suas famílias, mas também moldaram a identidade cultural da região. Seu legado, enraizado em valores religiosos e na resiliência característica, continua a ser uma fonte de inspiração e referência na contemporaneidade.

Teve como primeiro coordenador, o saudoso Dr. Frederico César Mendes Alves da cidade de Santiago. Que veio se casar em 1977 com Anita Souza de Melo. Em seu período como Coordenador regional, houve no ano de 1979 a primeira Ciranda Cultural de Prendas da 10ª Região Tradicionalista realizada no CTG Negrinho do Pastoreio, cidade de São Francisco de Assis. Elenice de Lourdes Cattelan foi agraciada com o título de primeira 1ª Prenda da 10ªRT, representante do CTG Invernada do Chapadão da cidade de Jaguarí e filha do Tradicionalista Damásio Cattelan que viria a ser o terceiro coordenador desta região. Em sua história, contou com as seguintes Prendas Estaduais: 1994 - Lívia Dorneles Dal Osto - 2ª Prenda juvenil do RS, 1987 - Helen Taschetto - 1ª Prenda do RS, 2005/2006 - Thaís Leitenterger Bertazzo - 3ª Prenda Mirim do RS, 2013/2014 - Tayline Alves Manganeli - 2ª Prenda Mirim do RS e 2018/2019 - Tayline Alves Manganeli - 3ª Prenda Juvenil do RS.

Desta forma, as mulheres desempenharam um papel fundamental na construção da identidade gaúcha, desde as atividades agrícolas até o comércio local. Sua coragem e pioneirismo se refletem no cenário atual, sendo um exemplo vivo de força, resiliência e contribuição significativa para a rica cultura gaúcha.

11ª Região Tradicionalista



A região, por ter um extenso território, abrange diversas culturas e costumes. Em cidades de vinhedos, com a predominância Italiana, podemos ver mulheres ganhando suas vidas com a trança da palha do trigo, conhecida como dressa, ou do milho, confeccionando chapéus ou empalhando garrações de vinho para utilização na safra da uva e na produção vinicultora. Além de comercializarem essas suas tranças na cidade, onde acabavam se transformando nos mais diversos acessórios.

Nas cidades de Serafina Corrêa, Guaporé e Nova Prata, as mulheres urbanas, predominantemente da elite, buscavam a profissão de professora, sendo raro ver mulheres de classes inferiores ou de áreas rurais ocupando cargos diversos do de dona de casa. Nesse contexto, elas confeccionavam seus próprios acessórios, como bolsas de fuxico decoradas com pedras ou pérolas, tornando-se elementos essenciais no vestuário das mulheres de classes mais elevadas.

Também é muito presente na região a influência da cultura polonesa, principalmente em cidades como Nova Prata e Carlos Barbosa. As mulheres desta etnia, com sua principal função sendo a de dona do lar, vinham de uma região da Polônia de planícies, por este motivo, não se adaptaram aos perais da região e raramente saíam de casa, sendo assim, faziam em seu tempo livre os característicos bordados em panos e roubas, além da pintura podendo ser em tecido ou até mesmo nos tradicionais Pisankis, o famoso ovo de Páscoa de casca de ovo pintada e recheado de Cri-cri, sobremesa comum na região.

Esses ovos com o passar do tempo se tornaram peças de decoração, sendo feitos hoje em dia em madeira, decorando as casas das famílias descendentes desses povos. Próximo ao dia dos finados, as mulheres se reuniam para tomar chimarrão e fazer kwiay (flores) de papel crepon para decorar os túmulos de seus entes queridos no dia dos mortos. Portanto, mostrando com um simples passar de olho, a diversidade presente nesta região da Serra Gaúcha.

12ª Região Tradicionalista

Essa região abrange os municípios de Canoas, Esteio, Nova Santa Rita, São Leopoldo e Sapucaia do Sul. Tendo como berço da imigração alemã o atual município de São Leopoldo. O papel desempenhado pelas mulheres na trajetória de desenvolvimento da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, percebe-se claramente a imagem construída e difundida sobre as mulheres da área de imigração alemã no Rio Grande do Sul, que as colocavam em um lugar secundário, sem grande expressividade no mundo do trabalho. Na maioria das interpretações, as mulheres eram protagonistas do espaço doméstico, ficando sua atuação reservada ao espaço privado da casa, da família e dos afazeres considerados como “próprios de mulheres”. As mulheres lavravam a terra juntamente com seus maridos. Além dos serviços domésticos, elas também plantavam, colhiam, cuidavam dos animais, costuravam, fabricavam pão, manteiga, cerveja, charutos, tecidos e tinham filhos!

A “roça” era considerada um espaço doméstico e, portanto, parte da área de atuação feminina. Em período puerpério, preparavam enxovais. Conforme o passar das décadas, elas desenvolveram atividades como costura, confecções de utensílios domésticos (tais como toalhas, peças de crochê, talheres e utensílios de cozinha). Enquanto os homens criaram ferramentas, elas foram responsáveis por itens da cozinha e ornamentos com gesso esmaltado, presentes em muitas casas até hoje “os bibelôs”. Elas eram autossuficientes: conseguiam se manter, criar os filhos, desenvolver atividades remuneradas, organizar suas vidas sem a presença masculina, mas valorizavam seus esposos. Valorizam muito o casamento, respeitavam o cônjuge, eram extremamente participativas, com gênio forte e decididas, tomavam atitudes de forma a auxiliar no avanço dos planos do casal. Possuíam habilidades culinárias, muitas das comidas presentes no nosso cotidiano como bolos, doces e pratos típicos, tais como: cuca, torta “floresta negra”, chucrute, embutidos com pepinos e saladas uma forma de conservar a comida para longas viagens, criação de salsichas e salames variados, também eram feitos por essas mulheres.

13ª Região Tradicionalista

Ao pesquisar sobre as mulheres na 13ª Região Tradicionalista, muitas mãos femininas se destacam, evidenciando uma força que ultrapassa o tempo, constituído famílias, perpetuando culturas, costumes e tradições, deixando um legado que percebe-se até os dias atuais. A Décima Terceira Região Tradicionalista, composta por 17 municípios. A formação histórica dessa região se originou em parte pela Quarta Colônia de Imigração Italiana e a Colônia Santo Ângelo (atual Agudo). Desta forma, a cultura italiana e alemã foram muito fortes na formação dos referidos municípios que a compõem. A formação da identidade dos imigrantes, na região central de nosso estado, tem atuação fundamental das mulheres. Elas reinventaram e concretizaram ensinamentos e tradições que estão presentes na identidade de seus descendentes.

O trabalho das mulheres conduziu as vivências cotidianas das famílias que aconteciam na cozinha de suas casas. Este era o ambiente mais importante em suas residências, tanto que ela tinha tamanhos iguais ou maiores que o restante da casa. Ali acontecia o preparo das refeições, a costura, o bordado, o feitiço de doces e a educação dos filhos. Formando assim, um conjunto de ações, técnicas e rituais que constituíram a identidade desses imigrantes. Também cabia às mães a tarefa de ensinar seus filhos os hábitos da religião Católica. Para elas, a fé mantinha viva a força dos colonizadores, por isso as mães ensinavam as orações que eram feitas todas as noites e após as refeições. Rezavam para agradecer, para pedir graças, proteção à família e às plantações.

No caso das imigrantes alemãs, desempenharam diferentes papéis, realizando atividades fundamentais para o provento da família, da criação dos filhos, do cuidado com a casa e da exaltação de seus saberes e fazeres, se constituindo também em forte influência para a transmissão de elementos da cultura germânica na região. Dessa forma, cabe reconhecer o papel das mulheres italianas e alemãs na formação cultural da região, na centralidade de saberes e fazeres referentes à família, ao trabalho, à religiosidade, à gastronomia, ao artesanato e outras práticas. Revelando assim, seu importante legado na construção e valorização dos usos e costumes que compõem a cultura da 13ª Região Tradicionalista.

14ª Região Tradicionalista

Na 14ª Região Tradicionalista, a formação das mulheres desempenha um papel crucial na preservação e difusão das tradições culturais e históricas. A participação em cursos, oficinas e eventos específicos contribui para o aprimoramento de habilidades como a dança, a música e as manifestações artísticas, fortalecendo a identidade regional. Além disso, a formação das mulheres na 14ª RT não se limita apenas às expressões artísticas, abrangendo também aspectos ligados à liderança e participação em atividades comunitárias.

A cidade de Alto Alegre recebeu inicialmente os imigrantes alemães, que moveram a agroindústria do município, ainda, ao longo dos anos houve a chegada dos imigrantes italianos. Os exploradores abriram picadas para encontrar a melhor localização para a instalação das moradias. Eram derrubados os pinheiros para serem feitas á machinha as pranchas e a tabuinha para cobertura. A maioria dos moveis é feita pelos próprios familiares. Já a cidade de Anta Gorda, foi colonizada através da vinda dos italianos, em 1904, os imigrantes poloneses e alemães que habitavam a região retiraram-se para outros locais, devido principalmente às diferenças culturais. Ainda, em 2018, após 54 anos de emancipação, tem a primeira Mulher a assumir o Poder Executivo do Município: Madalena Gehlen Zanchin.

A cidade de Arvorezinha, cuja ocupação inicial remonta aos índios caingangues, viu sua paisagem social ser moldada a partir da chegada dos primeiros colonizadores por volta de 1900, sobretudo os imigrantes italianos. Atualmente, a cidade se destaca pela realização de Encontros Semanais de Mulheres, espaços dedicados à produção de cucas, bolos, troca de ideias, e criação de artesanato, evidenciando a continuidade da tradição e a importância das mulheres no fortalecimento dos laços comunitários e culturais. Em Espumoso encontramos uma importante personalidade feminina do tradicionalismo, a senhora Luciana Parizoto, 1ª mulher a assumir o cargo de coordenadora da 14ª RT, ficando por 5 gestões neste cargo (1999-2003). Precursora das mulheres dentro das cavalgadas, uma mulher que pode inspirar muitas outras a seguirem esse caminho, mostrando que podemos chegar onde quisermos.

15ª Região Tradicionalista



A cidade de Taquari, recebeu inúmeros casais açorianos, por volta de 1760, que receberam alguns lotes de terra destinados à fundação do povoado. Até os dias atuais possui forte influência açoriana, seja na arquitetura, culinária, vestimenta, até no modo de vida de seus habitantes. Já Triunfo, surge através da primeira sesmaria. A cidade de Bom Princípio, de colonização alemã, é conhecida nacionalmente por sua fruta-símbolo, o morango.

Conhecida pela produção de frutas cítricas, a cidade de São Sebastião do Caí, foi criada através da freguesia de Santana do Rio dos Sinos, recebendo grande influência dos alemães. Portão está fortemente ligada à imigração alemã, sua cultura influenciou significativamente a formação da comunidade local, com destaque para atividades agrícolas e agropecuárias, ainda, com grande crescimento industrial.

A cidade de Montenegro, conhecida como cidade das artes, abriga muitas professoras, responsáveis pelo crescimento de novos talentos. Outra característica das mulheres montenegrinas, é a perseverança, vê-se isso de forma especial no crescimento de mulheres empreendedoras. Ainda, o Hospital de Montenegro é composto por uma extensa grade feminina de profissionais, sendo financiado pela Associação Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas de Montenegro (OASE), apenas formado por mulheres, tendo inclusive escola para formação de profissionais da saúde, referência em 14 municípios da região.

Na política, possui em sua história uma única prefeita, a senhora Maria Madalena Bühler, sendo a primeira vereadora do município, conhecida como “a mulher que fez Montenegro crescer”. No interior as mulheres em sua maioria trabalhavam com gado leiteiro, na produção rural, fabricando pães e cucas para alimentar suas famílias.

16ª Região Tradicionalista

O legado das mulheres que moldaram as cidades da 16ª Região Tradicionalista, reflete uma riqueza de feitos e feitos, entrelaçados por diferentes influências culturais e étnicas que marcaram profundamente essas comunidades. A colonização alemã, particularmente em Sant'Auta (Camaquã), Cristal e Chuvisca, deixou uma marca indelével na cultura dessas cidades. Conhecidas por sua dedicação à família e habilidades agrícolas, desempenharam papéis fundamentais na adaptação e preservação das tradições germânicas. Através de suas festas, danças e culinária, é um testemunho da contribuição significativa das mulheres alemãs nessas comunidades.

Em Dom Feliciano, a presença polonesa é notável, com suas próprias tradições e costumes, sua paixão pela culinária e forte senso de família, desempenharam um papel vital na integração de elementos poloneses na vida cotidiana dessas cidades, contribuindo para a diversidade cultural da região. Os pomeranos em São Lourenço do Sul também deixaram sua marca distintiva. As mulheres pomeranas, com sua língua e costumes únicos, desempenharam um papel central na transmissão e preservação dessa rica herança cultural, enriquecendo a vida local com suas tradições peculiares.

Não se pode esquecer a presença dos polacos em Cristal e Chuvisca, as mulheres polonesas, com suas tradições e valores familiares, contribuíram para a riqueza cultural dessas comunidades, deixando um legado que ainda é evidente atualmente. Além disso, ao considerar o contexto das charqueadas, não podemos negligenciar a significativa presença dos negros. As mulheres negras desempenharam papéis cruciais na construção da economia local, especialmente na produção de charque.

Além dos feitos destacados, o legado dessas mulheres é enriquecido pela habilidade nas artes e ofícios de bordados, criação de instrumentos musicais, prática de técnicas artísticas peculiares; a herança de segredos culinários, acrescidos de toques pessoais e segredos de família; a história narrada oralmente, mantendo vivas as memórias, conquistas e superações de seus antepassados e dos fatos que testemunharam; além de também serem guardiãs de uma natureza genuína que marcam sua essência.

17ª Região Tradicionalista

“Raízes e Saberes: Guardiões de Conhecimentos Tradicionais”

Entre os feitos das mulheres da 17ª Região Tradicionalista, nota-se uma vasta diversidade cultural. Sendo parte do Alto Uruguai, foi povoado com maior intensidade com a expansão das colônias alemãs e italianas, juntamente com outros povos que nesses locais chegaram, criando, portanto, uma forte ligação com a terra, que pode ser notada mesmo nas moradoras urbanas. Na região, destaca-se a presença de empreendedoras, bem como, é relevante o papel desempenhado pelas mulheres enquanto responsáveis por manter a sabedoria tradicional sobre a utilização de plantas medicinais. Isso reflete a habilidade de atenção e cuidado com a família e com os saberes recebidos dos antepassados. É importante considerar e valorizar o papel delas enquanto detentoras desta sabedoria. Ao preservar este conhecimento, estão auxiliando aqueles que têm dificuldade de acesso, seja pela localização ou pelo alto custo de medicamentos. Bem como, contribuem com quem prefere a utilização de recursos naturais como alternativa aos fármacos.

Em estudo realizado pela UFSM, campus Palmeira das Missões, sobre plantas medicinais utilizadas no município, houve predomínio de mulheres informantes (90%), em geral mais velhas (média superior a 55 anos). Ao participarem de tal pesquisa e compartilharem seus saberes, elas deram passo significativo para o bem comum, pois com esta pesquisa foram registradas 128 espécies que foram incorporadas ao herbário da UFSM, campus Palmeira das Missões, para seu cultivo e preservação. Essas informações também foram anexadas à Lista de Espécies da Flora do Brasil, com os dados sobre a indicação terapêutica, informações de uso, forma de preparo e parte da planta que deve ser utilizada. Assim, a ligação das mulheres da 17ª Região Tradicionalista com a terra transcende os limites urbanos, sendo guardiãs dos saberes tradicionais. Conhecimentos que enriquecem a região e merecem ser valorizados como uma notável contribuição para a comunidade.

18ª Região Tradicionalista

A 18ª Região Tradicionalista é forjada por mulheres descendentes de indígenas da tribo pampeana, da mestiçagem, das várias etnias européias que aqui chegaram, principalmente portuguesas e espanholas. Mulheres bravas, fortes e trabalhadoras da campanha gaúcha, como exemplos de mulheres destaques para nossa região temos: Roberta Barbosa Rodrigues Jacinto, tem 28 anos, pertence ao CTG Prenda Minha da cidade de Bagé, conhecida como “Rainha da Fronteira”, por anos representou sua entidade e a 18ªRT, consagrando-se 1ª Prenda do Rio Grande do Sul na gestão 2016/17, com seu desenvolvimento tornou-se Diretora de Concursos e de Pesquisa e Difusão em 2018 e ainda, dentro do Movimento, foi vice-presidente de Cultura em 2021/22. Roberta é Advogada e Curadora Cultural.

Ainda, a senhora Gladis Aprato, nasceu em 1951, na cidade de Sant’Ana do Livramento, pertence ao CTG Presilha do Pago da Vigia. Sua formação profissional é Professora e Mestre em Orientação Educacional. Mesmo aposentada, “Tia Gladis”, como é carinhosamente chamada pelos jovens da região e do Estado inteiro, segue firme na formação de prendas e peões, é incansável em incentivar os estudos e propagar seu conhecimento. Já preparou inúmeras prendas e peões que obtiveram êxito nas cirandas e entreveros regionais e estaduais. Outra personalidade importante é a senhora Zaida Andrade Motta, nascida em 1947, em São Gabriel, professora, que dedica sua vida a levar o conhecimento a respeito do Rio Grande do Sul, a Prendas e Peões que buscam participar de Cirandas e Entreveros. Através de suas aulas sobre geografia, história e tradicionalismo muitas crianças e jovens se preparam para os concursos, muitos deles tornando-se amigos da “Tia Zaida”, atualmente possui 10 alunos que conquistaram títulos estaduais na Gestão 2023/2024.

19ª Região Tradicionalista



“Cooperação em Movimento: A Atuação Feminina na 19ª RT”

Os municípios da 19ª Região Tradicionalista destacam-se pelo cooperativismo, conectando mulheres de diferentes grupos sociais na organização, produção, comercialização e promoção da sustentabilidade. Desde suas origens, a tradição cooperativista permeia a região, observada entre todos os grupos étnicos que se instalaram na região (imigrantes de origem europeia como os alemães, italianos, portugueses, poloneses, grupos indígenas e negros).

Quanto à atuação das mulheres nesse meio, vale destacar o exemplo do Comitê Mulher da Sicredi UniEstados, de 2020, em que, entre oito representantes dos estados de SC e RS, quatro são da 19ª RT: Angelita Vargas Grezzana (Erechim), Flavia Vieira Tacca (Erechim), Jucelí Ana Klosinski (Gaurama), Kadija Melisa Paris (Centenário), Luciana Girelli (Benjamin Constant do Sul). Assim, é evidente que as mulheres da região trazem consigo o espírito cooperativo, que é característica do local, e indo além, assumem 50% dos cargos em um comitê que contribui com sugestões para ampliar ainda mais a participação das mulheres na cooperativa, bem como a sua atuação nos municípios de origem.

Também no âmbito da atuação feminina e do cooperativismo, mas em outra realidade social, encontra-se o artesanato, uma prática valorosa nas Terras Indígenas da região. Essas atividades artesanais são uma importante fonte de renda para as famílias, tendo grande participação de mulheres, além de manter viva a cultura, a arte e a tradição. A diversidade cultural e étnica, permeada pelo espírito cooperativo e pela atuação das mulheres em diferentes setores, contribuem para forjar e identificar a 19ª Região Tradicionalista.

20ª Região Tradicionalista



A 20ª Região Tradicionalista nasce através das vertentes do rio Uruguai, última fronteira a ser conquistada e desbravada, formada pelas terras vermelhas do Alto Uruguai, no noroeste do Rio Grande do Sul. A vinda dos povos colonizadores, principalmente descendentes de antigos colonos de origem europeia aconteceu no início do século XX, sendo esta a última área do nosso estado ocupado por estes imigrantes, por isso também chamadas de “colônias novas”.

A mulher trabalhou e ainda trabalha na agricultura e suinocultura, em propriedades com mão-de-obra familiar. Mulheres dotadas de aptidões domésticas, que ao lado de seus maridos construíram com muito suor e trabalho a história da região celeiro. Por se tratar de uma região de colonização tardia, baseada essencialmente na agricultura, apresentou desde a sua formação um grupo muito expressivo de mulheres com características simples e trabalhadoras.

As etnias que mais estão presentes na região são a Alemã e a Italiana, que marcaram a cultura, tradições e costumes da mulher da fronteira noroeste. Na simplicidade, sem muita vaidade, trazendo como características principais a mãe amorosa, esposa competente e principalmente mulher trabalhadora. Destaca-se, ainda, as terras indígenas Kaingang nas cidades de Tenente Portela e Redentora, a Terra Indígena do Guarita, onde as mulheres trabalham com a confecção e a venda de artesanatos, além de executarem profissões como de professoras para as crianças.

Na cidade de Três Passos/RS havia o Colégio Espírito Santo, sendo por vários anos um internato onde as moças da região vinham fazer o magistério ou curso normal, para serem professoras. Hoje o prédio é ocupado pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Com o avanço da economia, a mulher foi ocupando seu espaço, tanto dentro de seus lares e também nos centros urbanos. Atualmente muitas mulheres tem o seu próprio negócio e fazem parte ativa da economia regional.

21ª Região Tradicionalista



O legado das mulheres colonizadoras que moldaram a 21ª Região Tradicionalista, é profundamente enraizado em suas contribuições vitais para o trabalho rural e na força que demonstraram ao enfrentar os desafios do ambiente agrícola. Com uma dedicação incansável, as mulheres dessa terra participavam ativamente do plantio, cultivo e colheita de alimentos e, ainda, do manejo e cuidado com os animais, contribuindo diretamente para a subsistência de suas famílias e para o desenvolvimento econômico local.

A influência dos imigrantes alemães e italianos, trouxe novas técnicas agrícolas e práticas que foram assimiladas e adaptadas pelas mulheres locais, resultando em uma rica fusão de conhecimentos e métodos. Mesmo diante das condições muitas vezes desafiadoras, elas demonstraram resiliência, habilidades práticas e uma profunda conexão com a terra. O trabalho árduo e a dedicação delas à vida rural foram fundamentais para a construção e sustentação das comunidades locais. Atualmente, embora as circunstâncias tenham evoluído, as mulheres continuam a desempenhar papéis essenciais nas áreas rurais dessas cidades. A modernização da agricultura e a diversificação das atividades agrícolas são reflexos do espírito empreendedor e da capacidade adaptativa legada dessas mulheres.

Além do notável legado no trabalho rural, elas também são portadoras de algumas curiosidades que revelam a riqueza de suas experiências, na culinária gaúcha, os pratos típicos feitos com carinho ímpar, advindos da sua produção, deixaram na memória os sabores do seu legado; na arte e no artesanato, vindo do campo sua matéria-prima; sua importância na construção do tecido social da comunidade foi fator determinante para o cenário dessa região; além da preservação da língua e dos costumes originários, essas mulheres preservaram o cuidado com a saúde de todos os seus através da medicina tradicional, vinda da terra, estudada, aperfeiçoada e difundida no folclore feminino.

22ª Região Tradicionalista

A 22ª Região Tradicionalista, composta por Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas, vivem pessoas de diversas origens tais como indígenas, espanhóis, açorianos, portugueses, negros, italianos e alemães. As mulheres dessa localidade, tinham como principal renda a produção de alimentos como pães de massa doce com creme (parecido com cucas), embutidos (salames, morcilhas) e conservas para venda, produção de natas e cremes de leite, schimmias. Os maridos tinham ligação direta com a pecuária de criação de porcos, ovinos e vacas leiteiras, todos geram produção de subprodutos como carne, leite e banha. As portuguesas eram habilidosas com linhas e fios, as italianas e alemãs extremamente geniosas e focadas no trabalho junto dos esposos, a miscigenação entre os povos pertencentes a essa região criaram uma mulher autoconfiante, independente e com características cruzadas, pessoas de pele clara e cabelos escuros, amorenadas com olhos claros. Considerada uma importante rota tropeira de nosso estado, possuía casas e construções feitas de alicerces e pedras características da região, casas com 3 ambientes, com sótão, quartos e porão, em local elevado se comparado as estradas de chão, justamente para evitar tropas de gados passando próximo das casas.

Uma contribuição exclusiva das mulheres e principalmente na produção de "cabungas" local para fazer as necessidades fora de casa. Enquanto os homens tinham suas atividades remuneradas em fazendas e engenhos da região, as mulheres cuidavam das criações; ainda como uma segunda atividade de renda, produziam produtos para venda de forma colonial, criavam os filhos e mantinham atividades em suas residências. O perfil da mulher presente é da dona de casa, com contribuição na renda familiar, a contribuição cultural de suas origens foi a construção social de "comunidades" onde, diferente de outras áreas, era mais presente as reuniões entre famílias distintas de várias etnias, e não somente Kerbs (alemães), Cerrões (italianos), fandangos e festas dos santos de junho (portugueses), assim como festas e quermesses vindas de outras contribuições da sociedade em geral. Eram mulheres que tinham opiniões fortes e com suas contribuições temos costumes bem preservados ainda nos dias de hoje.

23ª Região Tradicionalista

A 23ª Região Tradicionalista, região litorânea, é composta por 23 municípios, formado através dos povos originários indígenas, tínhamos tanto portugueses, como espanhóis presentes nesta região. Características bastante relevantes das mulheres dessa localidade foram às atividades ligadas à pesca junto de seus esposos, e também a ornamentação de itens vindos do mar como conchas e caramujos, artesanato em escama de peixe, já que muitas vezes a pesca era o sustento das famílias e as mulheres que eram artesãs de mão cheia confeccionavam artesanatos com esses recursos. Além dos artesanatos com tecidos trançados e abrolios. Abrolios foram a principal atividade artesã, pois nada mais era que um tecido de saca branca alvejada, desfiado e tramado formando em 5x1 ou 8x2 o formato de um desenho macrã, também gerando futuramente o macramé, como ambos não sofrem ação direta da maré, tinha resistência ao tempo, por se tratar de fios cru que poderiam ser lavados com a água cheia de minerais do litoral do Rio Grande do Sul.

Entre a culinária, foi adaptada em parte pela linha portuguesa e temos como contribuição muito a sardinha e tainha, ensopados e conservas com peixes, pães de massa salgada, e frutas como o ananás português (abacaxi), ambos cultivados por intermédio das mulheres, um exemplo no município de terra de areia parte da 23ª região. Outra questão muito forte são doces feitos para venda em alguns municípios, principalmente em Santo Antônio da Patrulha, conhecido como a terra da cachaça e da rapadura, esses doces eram feitos nos engenhos e nestes em sua maioria trabalhavam homens, mas para a venda, na comercialização dos produtos as mulheres participaram, visto que ajudando seus esposos, era uma grande fonte de renda para suas famílias, também tinham mulheres que trabalhavam com doces em todos os seus processos, cozinhavam e os vendiam. Região mulheres fortes, trabalhadoras que sempre souberam se manter, principalmente com os recursos que a natureza as davam, foram artistas com poucos materiais e nos deixaram enormes contribuições culinárias e de artesanato, além de um exemplo de mulher.

24ª Região Tradicionalista

Na 24ª Região Tradicionalista, composta por municípios como Arroio do Meio, Estrela, Lajeado, entre outros, as mulheres desempenharam um papel vital na formação da identidade gaúcha. Desde as atividades agrícolas até o desenvolvimento cultural, as mulheres contribuíram significativamente para a construção desta rica herança. Seja nas lavouras, nos lares ou nas manifestações tradicionalistas, a presença e influência das mulheres foram essenciais para a preservação e transmissão das tradições gaúchas. O legado dessas mulheres perdura, inspirando as gerações atuais a valorizarem e honrarem a rica cultura que ajudaram a forjar.

No Rio Grande do Sul, os colonizadores alemães contribuíram muito culturalmente. Considerando a influência das imigrantes alemãs, surge as “Noivas de Preto”, mulheres imigrantes e suas descendentes, que deram prosseguimento à tradição em solo gaúcho. As mulheres buscavam por praticidade e planejavam usar o vestido para a vida, usando de novo em festividades como casamento, batizados, quermesses, cultos. Em virtude de seu baixo financeiro, o vestido seria a roupa mais bonita que a mulher teria. Na época usavam-se tecidos da cor escura e de grande durabilidade, confeccionados de modo que pudesse futuramente ser feito algum ajuste por conta da gestação, ainda costumava ter botões para facilitar a amamentação.

Não há uma data específica do ponto final dessa tradição. Há historiadores afirmam ser nas décadas de 20 e 30 do século XX, mas há registros de casamento com noivas de preto na década de 60 em Venâncio Aires (Vale do Rio Pardo). O que se pode afirmar é que o costume perdurou desde a idade média, na Europa, até o século XX, no Rio Grande do Sul, com diferentes significados e motivos para justificar a escolha da cor preta.

Ainda, considerando as importantes personalidades da 24ª Região Tradicionalista, encontra-se a senhora Luce Carmem da Rosa Mayer, primeira mulher a ocupar o cargo de Coordenadora Regional, estando ativamente em trabalho em prol do tradicionalismo. Desta forma, as mulheres foram pilares na formação da identidade gaúcha, contribuindo ativamente em atividades rurais, afazeres domésticos e eventos tradicionalistas. Seu legado permanece como parte essencial da rica herança cultural da região.

25ª Região Tradicionalista



Região berço da imigração italiana, tem seus costumes e feitiços baseados nesta etnia. A grande parte dos moradores destas cidades mobilizavam seus trabalhos em torno da produção e safra da uva. Durante o ano, as mulheres auxiliavam no plantio e cuidado das parreiras, no tempo livre fabricavam cestos de vime para a colheita, chapéus de palha para a utilização durante a safra, além da confecção de sportolas, espécie de cestas para uso próprio. Na vindima, época da colheita, as mulheres realizavam a pisa da uva para a fabricação de vinhos e espumantes, além de trabalhar na própria colheita, sendo essenciais para a propagação da vitivinicultura em toda região serrana.

As mulheres italianas tinham papel essencial na realização dos Filós, reuniões que existiam desde o início, quando chegaram os imigrantes. Toda a família participava, sendo a responsabilidade da cozinha das massas tradicionais italianas, como o agnolini, o capeletti para a sopa, o tortéi, o pão com queijo e salame, o conhecido grostoli e a famosa sobremesa do sagu com creme, toda por parte das mulheres das famílias. A origem do nome Filó vem de filo (fio), pois antigamente fazia-se o fio de algodão ou de lã, usando para isso uma roca de fiar e depois fazendo o tecido no tear, então originalmente essas reuniões tinham como objetivo tecer il filo.

A mulher rural da região era responsável pelo comércio dos derivados do leite, já que as economias vindas do gado eram destinadas a elas, enquanto as economias vindas dos suínos eram destinadas aos homens. Então elas é que ordenhavam as vacas leiteiras, utilizando do leite para fabricação do queijo, da nata ou da manteiga. Esses costumes das mulheres italianas, por mais que menos comuns, não foram perdidos no tempo e ainda podemos conhecer e entender um pouco mais sobre eles na famosa Festa da Uva de Caxias Do Sul.

26ª Região Tradicionalista

O legado das mulheres na 26ª Região Tradicionalista, é um testemunho de feitos e feitos entrelaçados por diversas influências culturais e históricas. Em Pelotas, algumas mulheres eram ligadas à elite cultural e social, o escritor e político carioca Mariano José Pereira da Fonseca - Marques de Maricá - definiu que “Na cidade de Pelotas as moças vivem fechadas; de dia fazem biscoitos, de noite sonham caladas”. Muitas atividades não poderiam ser desenvolvidas ao ar livre; as mulheres passaram então a praticar hábitos caseiros, com reconhecido destaque na culinária, bordado, música e pintura, contribuindo para a intensa produção e aprimoramento dos doces em Pelotas.

A mulher negra desempenhava um papel fundamental na construção cultural, sua importância transcende a história. Na forja da identidade pelotense, as mulheres negras contribuíram significativamente para a riqueza das tradições, expressões artísticas e valores que permeiam a cidade. No contexto das charqueadas, foram suas mãos habilidosas que desempenharam papéis cruciais na produção do charque. Além disso, na preservação de tradições culturais, como a capoeira, a culinária afro-brasileira e as manifestações religiosas, as mulheres negras têm sido guardiãs incansáveis, transmitindo de geração em geração este legado.

Em Arroio do Padre, Capão do Leão e Morro Redondo, regiões com forte influência de colonização europeia, as mulheres foram fundamentais na manutenção das tradições culturais e na preservação dos costumes familiares. Seja no cuidado com as propriedades rurais, na produção agrícola ou na transmissão de receitas e práticas culturais, elas desempenharam papéis vitais na construção da identidade local. A cidade de Turuçu, com suas características rurais distintas, viu as mulheres desempenharem funções essenciais no trabalho agrícola. Desde a produção de alimentos até o manejo do gado, essas mulheres contribuíram para a prosperidade da região, mostrando uma conexão intrínseca com a terra e suas atividades produtivas. Também guardiãs de histórias orais que sustentam seu folclore tão rico e diverso, e detentoras de importante legado de manter a memória de suas ancestrais sempre em ênfase.

27ª Região Tradicionalista



A 27ªRT integra a famosa região das hortênsias na Serra Gaúcha, com cidades famosas por ser o destino de grande parte dos turistas do nosso estado, como Gramado, Canela e Nova Petrópolis, cidades essas, que são conhecidas por sua forte influência alemã, em sua cultura, arquitetura e forma de vida. Os feitos das mulheres alemãs desta região, desde os primórdios até os dias atuais, estão muito ligados ao artesanato. As mulheres confeccionavam, pintavam e decoravam esses locais com toalhas e objetos decorativos feitos a mão.

As toalhas de mesa, utilizadas em altares religiosos por esses imigrantes, eram feitas e decoradas, seja com bordados ou com pinturas, pelas mulheres destas famílias. Com o tempo, esses bordados e pinturas em panos e toalhas, ganharam espaço em roupas e acessórios decorativos para as casas, e não mais somente, nas igrejas, agora todos os locais frequentados por esta etnia tinham esses decorativos típicos deste povo.

Ainda hoje, nas cidades da região das hortênsias, podemos identificar a venda de artesanatos em madeira, que sobreviveram ao tempo e são comercializados nos dias atuais. Um objeto muito comum na época de colonização e visto até em peças teatrais é o conhecido Quebra-nozes, sua estrutura de madeira era feita pelos homens, e a pintura, que dava vida ao boneco que tanto se popularizou, era feita pelas mulheres.

Com o passar dos anos, o talento da pintura que vemos nas peças de artesanato alemãs migrou para a porcelana, pratos decorativos, até mesmo de uso comum, ganharam detalhes semelhantes aos de uma mandala, para decorar as residências e as mesas de jantar. A cultura alemã se destaca pela sua beleza em cada detalhe, na arquitetura, na culinária, nas roupas, nos feitos das mulheres com seu delicado artesanato, não poderia ser diferente.

28ª Região Tradicionalista

“Semeando resiliência, colhendo conquistas”

“Os imigrantes, com muita fé e esperança Colhem da terra, a riqueza e a fartura Bravos heróis que tem no sangue a liderança Do comércio, da indústria e da agricultura.”

Este trecho do Hino de Frederico Westphalen enfatiza aspectos históricos que podem ser observados em toda a 28ª RT. História essa que tem a forte presença das mulheres, que ao lado de suas famílias empreenderam e empreendem muito. Seis destas protagonistas, hoje são nome de ruas.

A Rádio comunitária 87.9FM do município, buscou mais informações sobre suas histórias, que podem ser acessadas em “Elas estão no mapa”. Uma característica comum a todos os municípios da 28ª RT é a agricultura familiar. Nesses estabelecimentos, as mulheres cumprem papel fundamental, seja na roça, na horta, na ordenha e nos afazeres domésticos, ainda que diante de grande invisibilidade. É fato que, felizmente, muitas dessas mulheres lutaram pelo direito de serem reconhecidas. Uma forma de busca de espaços é a participação nas mobilizações em que elas são o foco principal.

Assim, permitindo muitos avanços, a aposentadoria aos 55 anos, é um exemplo disso. O protagonismo das mulheres agricultoras nesta região continua marcante, seja nas suas propriedades ou nas mobilizações em busca de mais conquistas. Com isso, a realidade histórica de pouco reconhecimento dos seus feitos, está mudando. Compartilhando experiências e fortalecendo a coletividade, transformam desafios do cotidiano em oportunidades de crescimento.

29ª Região Tradicionalista



Composta por municípios como Barracão, Cacique Doble, Ibiaçá, Machadinho, Maximiliano de Almeida, Paim Filho, Sananduva, Santo Expedito do Sul, São João da Urtiga, São José do Ouro e Tupanci do Sul, as mulheres deixaram um legado marcante na agricultura familiar, enfrentando corajosamente os desafios das densas matas e rios cristalinos. Nos primórdios, grupos indígenas, como os Coroados e Jês, desempenharam papéis essenciais na produção de alimentos e na arte do artesanato, com as mulheres indígenas sendo mestras nessa prática e mantendo uma forte conexão com seus filhos.

Com a predominância da colonização italiana e a presença de descendentes de diversas origens, as mulheres não se limitaram ao papel tradicional de cuidadoras familiares. Além de desempenharem tarefas na lavoura e na exploração da madeira, elas foram fundamentais na preservação da cultura e religiosidade. Responsáveis pelos afazeres domésticos, culinária, costura, bordados e artesanato, as mulheres exerceram um papel central na construção e manutenção das igrejas, sendo a religiosidade um elemento marcante na vida dessas comunidades.

Um exemplo eloquente desse legado espiritual é o Santuário de Nossa Senhora Consoladora, destino de tradicionais romarias realizadas anualmente no último domingo de fevereiro. Essa expressão de fé é testemunho do papel fundamental que as mulheres desempenharam na transmissão dos valores espirituais para as gerações futuras.

Assim, na 29ª Região Tradicionalista, a contribuição das mulheres transcendeu as atividades laborais, moldando a identidade cultural e espiritual desse povo. Seus feitos notáveis continuam a inspirar e enriquecer a história do Rio Grande do Sul.

30ª Região Tradicionalista

A 30ª Região Tradicionalista, a mais recente das regiões do MTG, teve seu início oficial em 1991, mas sua história remonta a 1824, quando imigrantes alemães desembarcaram na região da Feitoria do Linha Cãnhamo, atualmente São Leopoldo. Essas famílias se dispersaram pelo Vale dos Sinos, contribuindo para a formação das cidades que compõem nossa região tradicionalista. Apesar da presença inicial de indígenas e escravos negros, foi a chegada dos imigrantes alemães que impulsionou o desenvolvimento econômico da região.

O papel das mulheres na imigração alemã foi essencial, apesar de não ser reconhecido pela sociedade. As mulheres eram protagonistas do espaço doméstico onde se dedicavam inteiramente a organizar a casa, criar os filhos e ajudar a plantar o que chamavam de horta. A imagem construída e difundida sobre as mulheres na área da imigração alemã colocou as mulheres em segundo plano.

Nas primeiras décadas do século XX, com a ascensão do setor coureiro-calçadista que passou a ser a principal atividade econômica da região, a mulher aparece desempenhando atividades fora do espaço doméstico e um dos principais motivos foram as dificuldades econômicas da maioria das famílias, que tinham necessidade do trabalho feminino fora do lar. Porém, às mulheres eram destinadas às funções menos qualificadas e pouco remuneradas, ou ainda, recebiam o serviço da fábrica para fazer em casa, onde a mulher pudesse realizá-lo sem sair de seu espaço doméstico e sem que precisasse abandonar as tarefas da casa e o cuidado dos filhos.

A casa, a roça, a fábrica e o comércio: a mulher na jornada de trabalho, apesar de por muito tempo não ser reconhecida, foi essencial em muitos aspectos da história da nossa região e da história da humanidade, independente se estava plantando o tomate, se estava cozinhando ou se estava “nanando” os seus filhos. Ela foi, é e sempre será, ao lado de quem escolher estar, uma guerreira e defensora de seus ideais.

PATROCINADORES:



PATROCINADORES:

